

FITOECOLOGIA DOS BREJOS DO SERTÃO PARAIBANO: UM ESBOÇO INICIAL

Ailson de Lima Marques (1); Júlia Diniz de Oliveira (2); Douglas Cavalcante de Araújo (3);
Ulisses Dornelas Belmont Neri (4)

¹ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, marques.ailsonl@gmail.com; ² Universidade Estadual da Paraíba, juliadiniz.oliveira@hotmail.com; ³ Universidade Federal de Campina Grande, douglascaraujoo@gmail.com; ⁴ Universidade Federal de Campina Grande, ulissesdbn@gmail.com

INTRODUÇÃO

No domínio do semiárido brasileiro, os remanescentes florestais de altitude, disjuntos da Mata Atlântica, são encontrados nos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco.

De acordo com Vasconcelos-Sobrinho (1971), estes remanescentes estão estabelecidos em serras, inselbergs e maciços isolados em cotas acima de 400m, onde ficam expostos aos ventos úmidos que conseguem chegar ao semiárido, formando uma paisagem de exceção. Os chamados jardins suspensos do Sertão (CAVALCANTE, 2005); brejos de altitude (VASCONCELOS-SOBRINHO, 1971); ou simplesmente brejos, que se refere ao acidente geográfico orográfico (ARAÚJO, 2012).

Os brejos são cercados por caatinga, mas já formaram um único bloco de floresta úmida. A hipótese mais aceita sobre a origem desse ecossistema está associada a variações climáticas durante o Pleistoceno. Durante as interglaciações (clima mais úmido), a floresta atlântica teria penetrado nos domínios da Caatinga. Ao retornar nas glaciações à sua distribuição original, na região costeira, ilhas dessas florestas permaneceram em locais de microclima favorável influenciável pela altitude.

Assim com o intuito de abordar as diferenciações paisagísticas do sertão paraibano e servindo de apoio às medidas de conservação e proteção ao patrimônio ambiental, em situação de risco ecológico abusivo, esta pesquisa teve por objetivos: espacializar e caracterizar aplainamentos iniciais da fitoecologia dos brejos do sertão paraibano.

METODOLOGIA

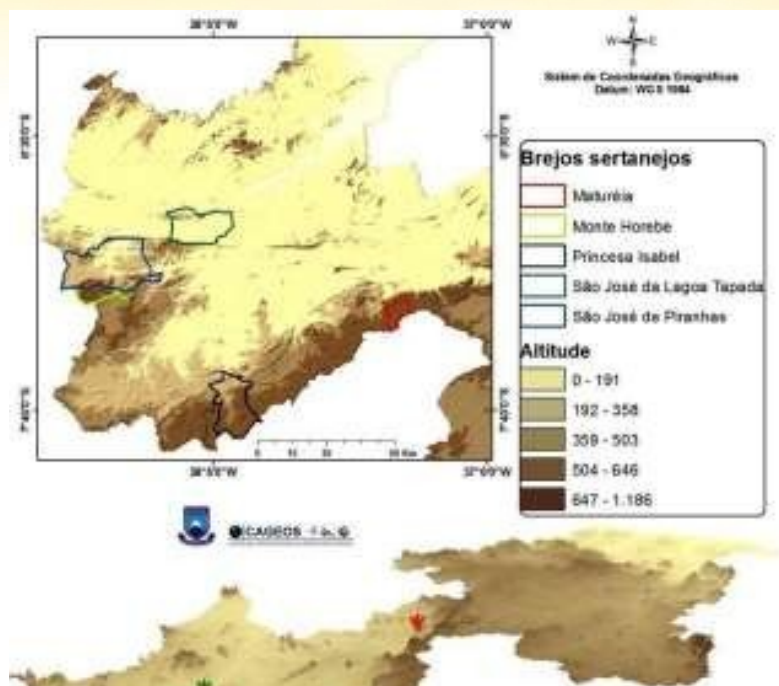
A presente pesquisa analisou os municípios de Maturéia, Princesa Isabel, Monte Horebe, São José de Piranhas e São José da Lagoa Tapada, localizadas no alto sertão paraibano. Os procedimentos técnicos foram:

- Processamento da espacialização geomorfométrica das áreas dos brejos de altitude: através da manipulação das variáveis geomorfométricas das cartas: 07S375, 07S39 e 06S39, para extração da hipsometria em 2D e por computação gráfica em 3D, do banco de dados TOPODATA-Banco Geomorfológico do Brasil, com resolução espacial de 30m e escala 1:50.000.
- Caracterização das áreas e importância dos brejos: com base em IBGE (1992); Fernandes (2006 e 2007); Ab'saber (2006), além de visitas in loco.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tem-se na (Figura 1), o mapeamento e espacialização geomorfométricas dos Municípios de ocorrência das florestas de altitude do sertão paraibano.

Figura 1. Espacialização topográfica dos municípios onde há brejos sertão paraibano.



Fonte: Marques, A.L. (2015)

Nas Figuras (2, 3, 4 e 5) tem-se a espacialização das áreas com a fisionomia da biota, que sob cotas mais elevadas mostram que há uma distribuição vegetal mais verde (clorofilas) em meio à paisagem semiárida.

A (Figura 2) tem como recorte o município de Maturéia, nesta área o relevo residual se configura como serras e cristas graníticas que fazem do maciço do Teixeira. Segundo Jaime et al., (2004), o maciço de Teixeira caracteriza-se como umas das principais zonas serranas do semiárido. A altitude geral do maciço é 700 m, atingindo até 1.197 m no Pico do Jabre, entre Maturéia e Teixeira. Para oeste, o nível de 700 m decresce progressivamente até 660 m, nos arredores de Princesa Isabel (Figura 4). Em diante, verifica-se uma rápida ascensão altimétrica que supera os 1.000 m já no maciço de Triunfo, formando um dos principais brejos de Pernambuco.

O principal exemplo de biota serrana do brejo de altitude dessa área é a Unidade de Conservação Estadual Pico do Jabre. Com 500 hectares, este é o ponto culminante do Estado da Paraíba. A fitoecologia do Pico do Jabre é formada por um mosaicos de fisionomias distintas resultantes dos efeitos da altitude, declividade e morfopedogênese que criam um microclima mais úmido. Nas maiores altitudes há predominância da floresta estacional semidecídua montana e nos baixos níveis altitudinais e afloramentos rochosos, encontra-se uma vegetação característica da caatinga arbórea. Há de se destacar o abandono do Parque e a falta de delimitação georreferenciada, fatores esses, impossibilitam a delimitação da Zona de Amortecimento e monitoramento dos efeitos de borda na UC.

Figura 2. Brejo de Maturéia-PB (Pico do Jabre).



Marques, A.L. (2015)

A (Figura 3) tem como recorte o município de Princesa Isabel, uma área de tensão entre o maciço do Teixeira-PB e do Triunfo-PE, neste o relevo residual se configura serrano e com cristas graníticas. A fitoecologia do brejo de altitude da área é formada pela Floresta Estacional Decídua Montana e a Caatinga, num domínio regional de extrema importância biológica e prioritária para conservação do domínio Caatinga, segundo MMA (2003).

Figura 3. Brejo de Princesa Isabel- PB (serras do saco dos caçulas).



Fonte: Marques, A.L. (2015)

A (Figura 4) tem como recorte os municípios de São José de Piranhas e Monte Horebe, há uma predominância de um relevo serrano e a presença de cristas graníticas nos dois Municípios. Em Monte Horebe, no brejo de altitude, há uma variação de Floresta Estacional Decidual e Caatinga, formando um conjunto florístico característico, no limite da Paraíba com o Ceará.

Figura 4. Brejos de altitude de São José de Piranhas e Monte Horebe- PB (serra Monte Horebe).



Fonte: Marques, A.L. (2015)

A (Figura 5) tem como recorte o município de São José da Lagoa Tapada, há predominância de serras incrustadas no domínio da depressão sertaneja, como a serra de Santa Catarina que, segundo MMA (2003), possui uma biota vegetal de elevada importância biológica. Pode-se observar, no brejo de altitude, uma variação fitoecológica que reúne desde Caatingas a Floresta Estacional Decidual. Segundo FUNBIO (2014), já está em andamento o projeto que institui a Serra de Santa Catarina como uma Unidade de Conservação, cuja área irá alcançar cerca de 112,1 Km², e vai abranger os municípios de Aguiar, Coremas, São José da Lagoa Tapada, Nazarezinho e Carrapateira.

Figura 5. Brejo de São José da Lagoa Tapada-PB (serra de santa Catarina).



Fonte: FUNBIO (2014).

Corroborando, de acordo com Tabarelli e Santos (2004), os brejos de altitude são refúgios atuais para espécies de floresta Atlântica nordestina e Caatinga no domínio semiárido brasileiro, além de abrigarem plantas com distribuição amazônica e espécies típicas das florestas serranas do sul e sudeste do Brasil.

Mesmo formando uma paisagem de exceção, que constata a biodiversidade do domínio semiárido brasileiro, ao verificar as variações de tonalidades das clorofilas e usos da terra, ficam perceptíveis pressões antrópicas diversas, além de um quadro de fragmentação florestal em todas as áreas. Esses resultados corroboram com os do levantamento realizado pelo Núcleo de Biodiversidade da Universidade Federal de Pernambuco, que indicam que dos 18.569Km² de Brejos existentes em 1970 no Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, restam apenas 2.626Km². Em quase meio século, 85% dessas áreas foram destruídas.

CONCLUSÕES

Inicialmente é possível aplainar que as regiões fitoecológicas das áreas de brejo do sertão paraibano, naturalmente, seriam florestas estacionais e em casos isolados, sub-montanas ou montanas. Porém, devido ao mau uso da terra, que tem ocasionado fragmentação e insularização florestal, que possibilitam alterações ambientais com diferenciações microclimáticas, tem se percebido uma regeneração com espécies basicamente da floresta seca (Caatinga). Esta observação pode indicar uma alteração da fitogeografia nesses locais, pela diminuição de espécies da floresta úmida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB'SABER, A.N. Brasil: paisagens de exceção. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.
- ARAÚJO, S. M. S. Tempo, Espaço e Biogeografia. In: RODRIGUES, A. F.; SILVA, E. & AGUIAR, J.O. Natureza e Cultura nos Domínios de Clio: História, Meio Ambiente e Questões Étnicas. EDUFCEG, pag. 155-176, 2012.
- APOEMA. Brejos ameaçados de desaparecer. Disponível em: <<http://www.apoema.org.br/artigos-detalle.php?cod=191>>. Acesso em: 21 de out. de 2016.
- CAVALCANTE, A. Jardins suspenso no Sertão. Revista Scientific American. Rio de Janeiro, 2005.
- FERNANDES, A. 2006. Fitogeografia brasileira. Províncias florísticas. 3ª edição revisada. Fortaleza: Realce Editora e Ind. Gráfica Ltda.
- FERNANDES, A. 2007. Fitogeografia Brasileira - Fundamentos Fitogeográficos: Fitopaleontologia, Fitoecologia, Fitossociologia, Fitocorologia. 1ª Parte - 3ª ed. Revisada. Fortaleza, Edições UFC.
- IBGE. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Manual técnico da vegetação brasileira. Rio de Janeiro. 1992
- JAIME J. S. P.; CABRAL, R. A. P.; BRAGA, S. M. G. L.; Montenegro, M. S. C. Recursos Hídricos e os Brejos de Altitude. Campelo, S. L. F. In: In: PORTO, K. C.; CABRAL, J. J. P.; TABARELLI, M. Brejos de altitude em Pernambuco e Paraíba: história natural, ecologia e conservação. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. p. 30-47. (Série Biodiversidade, 9), 2004.
- FUNBIO (2014). Disponível em: <http://www.funbio.org.br/diversas/potencialidades-para-criacao-de-unidade-de-conservacao-de-protecao-integral-na-serra-de-santa-catarina-paraiba>. Acesso em 07 de out. 2014.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE: Universidade Federal de Pernambuco. Biodiversidade da caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação – Brasília, DF:, 2003. 382 p.

TABARELE, M.; SANTOS, M.M.A. Uma Breve Descrição Sobre a História Natural dos Brejos Nordestinos. In: PORTO, K. C.; CABRAL, J. J. P.; TABARELLI, M. Brejos de altitude em Pernambuco e Paraíba: história natural, ecologia e conservação. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. p. 111-122. (Série Biodiversidade, 9), 2004.

VASCONCELOS-SOBRINHO, J. Os brejos de altitude e as matas serranas. Pg 79-86, in: VASCONCELOS SOBRINHO, J. (ed.). As regiões naturais do Nordeste, o meio e a civilização. CONDEPE. Recife, 1971.